

Vasco de Quiroga e a utopia na América

Geraldo Witeze Junior¹

Resumo: Este trabalho é o princípio de uma investigação sobre os escritos e projetos que Vasco de Quiroga desenvolveu no México na primeira metade do século XVI. Vasco de Quiroga está inserido no debate sobre a forma que se deveria levar adiante a colonização da América por parte da Espanha e a partir de sua obra pode-se pensar a América como espaço de realização das utopias bem como a formação da modernidade e a construção da Europa como centro do mundo, levando em consideração a colonialidade e o racismo característicos desse momento. Vasco de Quiroga aparece então como chave para a compreensão dessas questões, apesar de sua obra ser pouco conhecida e explorada no Brasil.

Palavras-chave: 1. Vasco de Quiroga; 2. Utopia; 3. Utopismo; 4. Colonização.

Vasco de Quiroga nasceu na Espanha, em Madrigal de Altas Torres, na província de Ávila, provavelmente em 1470². Pouco se sabe sobre sua infância; teve formação jurídica e atuou na Espanha e no norte da África a serviço da coroa. Em 1530 foi nomeado ouvidor da *Segunda Audiencia de Nueva España*, onde chegou em janeiro de 1531 e se deparou com os problemas resultantes da conquista. Diante do que viu Quiroga começou a pensar em como organizar os índios para que pudessem sobreviver e também manter ou aceitar a fé cristã. Assim, já em 1531 pôs em prática um experimento: o *pueblo-hospital* de Santa Fé. Foi o começo de um projeto que se progressivamente se tornou a sua “Utopia na América”.

Paz Serrano Gassent (2002, pp. 21-22) nos diz que

cuando Quiroga es nombrado oidor de la Segunda Audiencia, tenía ya larga experiencia como jurista, conocimiento de las ideas humanistas ampliamente difundidas en el ámbito cortesano en que se movía e interés en la reforma clerical extendida por toda España. A través de su amigo Bernal, consejero de Indias, poseía información sobre la destrucción que la conquista estaba produciendo en las masas a la conversión por obra de la evangelización

¹ Doutorando em História pela UFG. Professor da UEG-Jussara. Indigenista especializado na FUNAI.

² Alguns defendem que o ano de nascimento foi 1478, ou mesmo 1488, mas a interpretação mais comum é 1470 (SERRANO GASSENT, 2002, p. 6).

hispana. Imbuido de ideales renovadores, acudió a la llamada del único espacio donde la utopía era posible.

Os escritos e projetos de Quiroga são interessantes justamente por sua vinculação direta com Thomas Morus e com Luciano, mais especificamente com a *Utopia* e *As Saturnais*. Foi a partir da leitura dos dois pensadores que o futuro bispo de Michoacán elaborou seu projeto para a organização dos índios na Nova Espanha. Segundo Silvio Zavala (1995, pp. 44-45) “Ese asiduo lector de Moro abogaría por la adopción del régimen utópico para ordenar la vida de los indios, situándose en una rara atmósfera política donde el mundo de las ideas se abrazaba y confundía con la realidad”. Para Quiroga a *Utopia* não era apenas uma crítica mordaz à sociedade europeia ou mesmo literatura escapista: era um projeto de organização da sociedade que poderia ser posto em prática não no Velho Mundo, cheio de vícios, mas no Novo Mundo onde estava também o novo homem.

Na Espanha podem-se contar nos dedos as obras as quais é possível aplicar o título de utopias (AVILÉS FERNANDEZ, 1976, p. 15), apesar de ali terem florescido grandes pensadores humanistas. A escassez é tão grande que Maravall (2006, p. 228) pergunta se “Hubo como una refracción española para esta manera de pensamiento en el plan teórico”. Mesmo assim o pensamento utópico está presente na literatura espanhola tanto de forma direta e explícita, como na *Sinapia*, quanto de forma sutil e velada, caso de *Dom Quixote*.

Ainda sobre essa escassez Stelio Cro (1978, p. 89) afirma o seguinte:

Mientras la utopía de Platón, como la de Moro y de la mayoría de los utopistas europeos, se basa en una tradición literaria, la utopía española toma su punto de partida de una experiencia vital. De allí su carácter empírico y paradójico, si se considera a la tradición puramente teórica del género. Este carácter puede haber influido en la escasez de las elaboraciones teóricas de la utopía española.

Ao que parece a Espanha não precisou inventar mundos novos pois ela própria dominava o Novo Mundo que inspirou Morus e tantos outros utopistas. Os espanhóis se debruçaram acima de tudo sobre a questão essencial do projeto de colonização da América e é nessa disputa de projetos que se insere Vasco de Quiroga.

A América era, para os europeus do século XVI, um lugar maravilhoso sobre o qual projetavam os mais diversos sonhos, individuais e coletivos, e de onde tiravam inspirações para criarem outros tantos. Para os humanistas o Novo Mundo era o lugar onde “El universo y la naturaleza parecen estar a disposición del hombre, el cual, con la ciencia y la técnica se cree capaz de dominarlos primero y de organizarlos después

racionalmente, es decir, de explotarlos de modo apropiado” (BLANCO AGUINAGA et. alii, 1987, p. 225). Assim a Espanha enxergava o continente “descoberto” por Colombo: um lugar que poderia ser dominado e organizado racionalmente, e justamente isso abriu as portas aos projetos utópicos não só de Vasco de Quiroga, mas de Las Casas e dos jesuítas no Paraguai. Na maioria dos casos o índio era visto como parte da natureza.

Ao mesmo tempo em que os europeus viam na América um novo mundo cheio de possibilidades, justamente porque era diferente da Europa, logo transportaram os problemas e as injustiças europeias. Desse modo se criou, como na Europa, um ambiente propício para se pensar uma literatura utópica que criticasse a situação e construísse projetos de sociedades imaginárias, tomando como matéria prima os indígenas. Isso conferia um tom mais otimista às utopias, pois os índios não tinham os mesmos vícios dos europeus, eram vistos como puros, inocentes, como atestado em diversos relatos de viajantes. Trata-se de uma imagem construída pelos europeus, é verdade, mas essa imagem impulsiona a tentativa de efetivamente construir comunidades utópicas na América.

Nesse contexto merece destaque a influência de Erasmo sobre o pensamento espanhol, especialmente durante o reinado de Carlos V, pois este, num momento inicial, deu mostras de que pretendia construir um império humanista, congregando em torno de si intelectuais de peso entusiasmados com esse projeto. O monarca, pressionado pela ascensão burguesa, não levou até o fim suas aparentes pretensões iniciais, mas o florescimento dos humanistas ocorrido naquele momento frutificou por muitos anos.

Conforme Blanco Aguinaga (et. alii, 1987, p. 227) “Los tratados de Erasmo habían comenzado a traducirse al castellano ya en 1511; se forma en España un compacto equipo erasmista que no sólo propaga y difunde los escritos del maestro holandés, sino que contribuye poderosamente a la nueva ideología por medio de sus propias obras”. Na Espanha as ideias de Erasmo adquirem um caráter específico e se arraigam nos pensadores humanistas de tal forma que, segundo Marcel Bataillon (1983, pp. 348-349), as suas obras continuaram sendo estudadas mesmo na Espanha pós tridentina, quando foram proibidas, “y siguió siendo viva, aunque discontinua y subterránea, la afición a leer la *Moria* en algunos focos españoles de cultura humanística”

Bataillon, em sua grande obra *Erasmus y España* (1986, p. 807), afirma o seguinte:

Hoy se ve cada vez más claro que el erasmismo, entendido en el sentido lato de simpatía por los ideales de Erasmo, en parte se extendió al Nuevo Mundo por el mero hecho de ensancharse allí el área de la cultura española, y en parte tuvo aspectos más específicos, aunque siempre ligados a la significación profunda de Erasmo dentro de la revolución religiosa de su tiempo.

A presença de Erasmo na Espanha está ligada, por um lado, à força da Igreja Católica e, por outro, ao desejo de renovação da instituição, que se concentrava sobretudo no clero secular. Assim, era lido por boa parte do clero, dentre os quais muitos dos que foram para a América. Era parte da cultura espanhola que levaram para o Novo Mundo.

A Espanha levou consigo aquilo que possuía, seus valores, sua forma de organização social, seus debates e disputas, e tentou construir uma *nova* Espanha na América, pretensão intrinsecamente destinada ao fracasso. Como escreve Otis Green (1969, p. 75)

La semilla que esparció allí arraigó y produjo su propio fruto. Si la cosecha resultó al fin desilusionante, fue porque la misma Madre Patria había adoptado un estilo de vida que no era ni el de Europa ni el del futuro, hasta el punto que terminó por enfrentarse con una Europa que no estaba hecha a su imagen y semejanza y en la que no parecía encontrar su sitio apropiado.

Além dos fatores apontados por Green devemos colocar que a Espanha não percebeu que seria impossível construir uma outra sociedade a sua imagem e semelhança porque era um *outro* lugar com *outras* pessoas que possuíam *outras* culturas. Em suma, o grande projeto espanhol para a América estava destinado ao fracasso também devido à sua falta de alteridade.

É relevante, porém, destacar que não devemos falar simplesmente em um projeto espanhol para a América. A partir da chegada e da conquista delineou-se, como dito anteriormente, um grande debate sobre qual projeto seria implementado, e muito se escreveu sobre isso. “Carlos [V] se propuso dar al nuevo Imperio Americano una base de justicia fundada en el derecho y la ley” (GREEN, 1969, p. 109), mas quais seriam essas leis, o que levariam em conta, como se organizaria o direito na América?

Apesar da intenção de construir uma Nova Espanha, já no início da conquista e da colonização estava claro que os nativos não eram iguais aos espanhóis, chegando-se até a discutirem se eram humanos ou não. A inocência dos índios recebeu destaque por boa parte cronistas e foi a base tanto para a conquista – vejam-se os casos de Cortez e Pizarro – como para os projetos utópicos. Havia também uma certa preocupação em

preservar essa inocência dos índios, mesmo por parte da coroa, como se vê no decreto do Rei Fernando, em 1506, que proibia a venda de “libros vanos, profanos y inmorales para evitar e impedir que los indios se diesen a lecturas frívolas y dañosas” (GREEN, 1969, p. 80).

Conforme Bataillon (1986, p. 816), “Del erasmismo español se derivó hacia América una corriente animada por la esperanza de fundar con la gente nueva de tierras nuevamente descubiertas una renovada cristiandad. Corriente cuya existencia no llegó a imaginar Erasmo”. Os erasmistas enxergaram nos indígenas o homem novo que poderia, se mantivesse a sua inocência, promover a renovação espiritual que viam como impossível – ou pelo menos bastante difícil – na Europa.

A ligação entre Erasmo e Morus é bastante conhecida. Para Cosimo Quarta (2006, p. 38) “A ilha feliz descrita por Rafael Hitlodeu é, de fato, um estado no qual a sabedoria reina soberana”. A *Utopia* vista como reino da sabedoria aponta para a necessidade do mundo e nisso se vê uma ligação clara com o *Elogio da Loucura* de Erasmo. Ela seria, a sua forma, um “Elogio da Sabedoria”, com a consciência de que esse reino da sabedoria não era possível no mundo em que viviam, e daí o nome *Utopia*.

É a impossibilidade de realização da renovação pretendida que leva os humanistas ao pensamento utópico, pois, conforme Blanco Aguinaga (et. alii, 1987, p. 226):

El desengaño se produce al comprobar que el Imperio no es ni será lo que ellos pensaban, sino que acentúa más y más sus características absolutistas y centralizadoras, lo que supone el sometimiento del intelectual a unos planes político-económicos deshumanizadores. El humanista se refugia entonces el su torre de marfil erudita y científica, en una ensoñación marginada: en 1516 aparece la *Utopía* de Tomás Moro, a la que seguirán otros textos confusamente socializantes.

No entanto, como já dito, na América o pensamento utópico floresce de forma prática, mas ainda assim são produzidas obras tanto para explicar como para justificar os projetos. O projeto humanista fora derrotado na Espanha, mas o Novo Mundo ainda acalentava os sonhos de alguns religiosos humanistas que resistiram obstinadamente na defesa de seus projetos. Com afirma Paz Serrano Gassent (2002, p. 21), “Si los ideales languidecían en el Viejo Mundo o morían anegados en sangre, tenían, en cambio, todo un nuevo espacio con una nueva humanidad para realizarse. Animados con estas esperanzas, los proyectos utópicos se trasladan a América”.

É bastante interessante notar que a América influenciou o surgimento das utopias (LESTRINGANT, 2006) e que depois se tornou o principal terreno de experimentos utópicos. A exuberante natureza americana, a simplicidade e a nudez dos índios, a ausência da propriedade privada, tudo isso inspira a criação de utopias e, ao mesmo tempo, permite o sonho de realizá-las ali. Segundo Stelio Cro (1978, p. 88) há também outros fatores:

El aspecto utópico de algunas de las leyendas del Nuevo Mundo no pasó desapercibido para algunos críticos de la literatura y de la cultura hispánica. Mas es necesario subrayar el momento histórico en que se originan esas leyendas. Estos textos florecieron en el momento en que brotó el renovado interés por la cultura clásica y en que se afirmó el deseo de la vuelta a los valores del cristianismo primitivo, en otras palabras, durante el Renacimiento. Esta tradición y fusión del renovado interés por los clásicos, junto con la aspiración a un cristianismo más puro, más primitivo y auténtico, se afirmó también en España, como se estaba afirmando en otros países de Europa.

A utopia espanhola na América possui características bastante específicas: contém uma forte carga espiritual, de renovação da igreja e retorno ao cristianismo primitivo, no que é tributária de Erasmo, e também “un aspecto totalmente inédito y paradójal que es su empirismo, es decir, la raíz empírica de su elaboración” (CRO, 1978, p. 89). Ela está inserida nas disputas entre duas formas de ver a colonização, defendendo a cristianização pacífica, se manifestando contra a escravidão indígena e o sistema de *encomiendas*.

Da mesma forma que suas utopias, a colonização espanhola também estava imersa em um grande paradoxo: de um lado o esforço para garantir a conquista efetiva da América e a expansão dos domínios imperiais, algo essencialmente militar, e de outro a responsabilidade de evangelizar os índios, o que só poderia ser feito em paz. Stelio Cro (1978, p. 113) escreve que

La persecución de este doble fin hizo inevitable al mismo tiempo una política real llena de incertidumbre y un poderoso conflicto de ideas y hombres. La tragedia de los indios fue que para conseguir cualquiera de los susodichos fines España tuvo que derrocar los valores establecidos de los indígenas y destruir sus culturas.

Todos os projetos em questão passavam pela destruição das sociedades indígenas como tinham sido até então, ainda que pudessem aproveitar daquelas culturas um ou outro aspecto. De qualquer forma o simples fato do encontro transformara irreversivelmente tanto os europeus quanto os indígenas.

Francesca Cantú (2002, pp. 49-50) afirma o seguinte:

De las reformas institucionales y sociales que habrían debido reestructurar, según el obispo Vasco de Quiroga, las comunidades indígenas disgregadas

por la Conquista a la «reforma universal de las Indias» elaborada por Las Casas, a la utopía religiosa y política de los Franciscanos de México, se obtienen las líneas de fuerza de un proyecto alternativo, en el que el recuerdo histórico de las comunidades cristianas primitivas, reelaborado en clave a menudo erasmista o milenarista, ofrece material para la representación utópica de una sociedad radicalmente diversa. Esta representación, en conformidad con el procedimiento utópico que requiere como esencial la oposición ideal-realidad, tomaba fuerza y significado de la contemporánea y radical crítica de la sociedad hispanoamericana, nacida y afianzada con la Conquista.

A utopia de Quiroga era uma projeção de ideias sobre a América e os índios, mas também, antes de tudo, uma crítica à sociedade espanhola, no sentido que rejeitava o modelo de colonização que estava sendo implementado. Assim, os projetos quiroguianos nascem como representação invertida da sociedade colonial, são um ideal em relação a ela e, ao mesmo tempo, retornam do mundo das ideias e se lançam em direção ao real.

Portanto, mais que um simples debate de ideias, tratava-se de uma discussão religiosa e jurídica que implicava em questões práticas, na qual entraram temas como a autoridade do papa sobre os índios e se discutiram as leis que deveriam regulamentar a vida nos novos domínios espanhóis (SERRANO GASSENT, 2002). Vasco de Quiroga teve um papel importante nesse debate, pois manejava bem os conhecimentos religiosos e jurídicos, de forma que os usa para defender seu projeto utópico, conseguindo algumas vitórias importantes, ainda que de pequeno alcance.

Silvio Zavala (1995, p. 53) escreve que Quiroga “Invitó al Consejo real a dar leyes y ordenanzas que se adaptasen a la calidad, manera y condición de la tierra y de los naturales de ella, que fueran simples e inteligibles; a este efecto, sugirió las que le inspirara la lectura de la Utopía de Moro”. O primeiro parecer de Quiroga se perdeu, mas a sua *Información em Derecho* e as *Reglas y Ordenanzas*³ se conservaram. Na *Información*, sua grande obra, ele expôs as razões pelas quais seu projeto devia ser adotado usando seus conhecimentos jurídicos e teológicos. Já as *Ordenanzas* podem ser consideradas como a sua utopia propriamente dita, pois é nela que está toda a regulamentação dos *hospitales-pueblo* conforme pensara Quiroga, estreitamente vinculadas à *Utopia* (ZAVALA, 1981).

De acordo com Marcel Bataillon (1986, p. 821)

³ “Reglas y Ordenanzas para el Gobierno de los Hospitales de Santa Fe de Mexico y Michoacán, Dispuestas por su Fundador el Rmo. Y Venerable Sr. Don Vasco de Quiroga, Primer Obispo de Michoacán”. In: QUIROGA, Vasco de. *La utopía en América*. Edición de Paz Serrano Gassent. Madri: Dastin, 2002.

Don Vasco, al estudiar la organización ideal situada por la fantasía de Moro en las islas nuevamente descubiertas, se maravilla de hallarla tan apropiada a la inocencia de aquellos naturales. Concibe a imitación de los utopianos sus hospitales de Santa Fe, prefiguración de las reducciones jesuíticas del Paraguay. En estos pueblos que tienen algo de falansterios, la mera agrupación orgánica ha de salvar los indios de la miseria aneja a la dispersión y a la tiranía, permitiendo encauzar la vida económica de la comunidad, a base de agricultura, con seis horas diarias de trabajo, y promover su vida religiosa. **Más que a una sociedad económicamente feliz y justa, aspira Quiroga a una sociedad que viva conforme la bienaventuranza cristiana. O, mejor dicho, no hace distinción entre los dos ideales.** Para él, como para otros, se trata de cristianizar a los naturales de América, de incorporarlos al cuerpo místico de Cristo, sin echar a perder sus buenas cualidades. (Grifo meu).

Quiroga quis garantir a sobrevivência dos índios e também tentou impedir que eles fossem contaminados pelos vícios europeus. Para ele a organização baseada na *Utopia* era a forma de impedir esse contágio, ao mesmo tempo em que só seria possível justamente devido à pureza dos índios – ou, na sua forma de dizer, devido à sua proximidade com a Idade do Ouro conforme descrita por Luciano. Eles eram as pessoas ideais para construir a nova igreja de Cristo, que resgataria os valores e práticas da igreja primitiva.

Silvio Zavala (1995, p. 63) diz que

Entre la primera lectura de la Utopía y la *Información* de 1535, don Vasco nos cuenta que dio con el relato de las Saturnales, o sea, el tema de la trascendencia humanista de la Edad del Oro, “tanto por todos en estos nuestros tiempos nombrada y alabada”. Explica que nunca antes vio ni oyó esas palabras originales de Luciano; y la coyuntura en que se le hacen presentes, como antes la República de Moro, le mueve a pensar que Dios se las depara “por ventura para echar el sello y poner contera y acabar de entender esta a mi ver tan mal entendida cosa de las tierras y gentes, propiedades y calidades de este Nuevo Mundo”.

A utopia elaborada por Vasco de Quiroga em sua *Información en Derecho* e nas *Reglas y Ordenanzas* é o resultado da seguinte soma: o índio americano, em sua simplicidade e inocência, associado às obra de Morus e Luciano. Os índios seriam a massa ou, como dizia Quiroga, a cera para o projeto, enquanto a *Utopia* e *As Saturnais* constituiriam o fermento do projeto.

A questão da Idade do Ouro é bastante importante na concepção da utopia de Quiroga. É preciso esclarecer, contudo, que a utopia está atrelada à história⁴ e, sendo assim, “só pode aparecer depois da perda da idade do ouro” (TROUSSON, 2005, p. 130). Não se trata simplesmente de nostalgia, ainda que ela possa estar presente. Ora, o

⁴ Cosimo Quarta (2006, p. 50) insiste que “o vínculo com a realidade histórica seja, para o pensamento utópico, não uma opinião, mas uma necessidade”.

homem caiu e foi expulso do Paraíso – um tema importante no Renascimento⁵ – e não é possível retornar, pois os querubins com suas espadas flamejantes guardam o caminho⁶. Dada também a incapacidade do homem de repetir a obra criadora de Deus⁷, resta somente construir “o seu substituto humano, representação de uma felicidade obtida *apesar* da queda e vontade de modificar o curso da história”. A utopia olha ao mesmo tempo para trás para adiante e é construída “como uma história paralela, alternativa” (TROUSSON, 2005, p.130). É uma proposta de construção, não de retorno.

Agnes Heller (2008, p. 112) supõe que uma sociedade que

não permitisse o desenvolvimento de *nenhuma* comunidade de conteúdo axiológico positivo, poder-se iam realizar valores em outras numerosas objetivações: na arte, na ciência, na produção, etc. E, ainda que o indivíduo não pudesse produzir em nenhuma dessas esferas, continuaria a ter a oportunidade de escolher possibilidades positivas. Pode encontrá-las nas objetivações, no mundo intelectual e nas normas de épocas passadas, e pode escolher os valores aí contidos, convertê-los em valores próprios, hipostasiá-los no futuro, etc. O fato de que o indivíduo, com uma tal escolha, entre em contraposição com as comunidades de seu tempo não anula um dado efetivo: o de que ele está escolhendo uma comunidade, ainda que apenas idealmente. (Itálico no original).

A utopia pode ser vista com essa comunidade ideal que se contrapõe à sociedade de seu tempo. Nesse sentido está sempre vinculada ao presente. Contudo, se vista como projeto, da forma que faz Quiroga, volta-se para o futuro. E, quando se trata do seu conteúdo axiológico, pode olhar para o passado – ou para um outro lugar – na tentativa de resgatar algum valor que tenha se perdido. Isso não é o mesmo que buscar um retorno à Idade do Ouro ou ao Paraíso Perdido. Apenas ilustra a duplicidade da utopia na relação passado-futuro: ela pode fazer um resgate “dos valores individuais de uma comunidade que existiu no passado e que talvez agora seja postulada para o futuro” (HELLER, 2008, p. 113). Assim, em relação ao tempo, consegue voltar-se ao mesmo tempo para trás e para frente. Em suma, o retorno pode ser feito no que concerne aos valores, mas a construção, quando postulada, é sempre voltada para o futuro a partir do presente.

Trazendo essa discussão para as propostas de Quiroga, Carlos Herrejón Peredo (2006, pp. 95-96) tem uma consideração relevante:

⁵ Ver, por exemplo, *O paraíso perdido*, de John Milton.

⁶ “E o Eterno Deus enviou-o [o homem] do jardim do Éden – de onde havia sido tomado – para cultivar a terra, e expulsou o homem, e colocou – ao oriente do jardim do Éden – os querubins com uma lâmpada flamejante de espada que se volvia, para guardar o caminho da árvore da vida.” Gênesis III, 23-24.

⁷ É semelhante, não igual a Deus (Gênesis I, 26).

El modelo de la Iglesia primitiva no es simplemente un regreso al pasado, sino son rasgos del pasado que se proyectan a las circunstancias del día actual para renovarlo. Es la permanente reforma de la Iglesia ante el recurrente deterioro. Se trata de una reforma que está profetizada, de manera paralela al vaticinio del retorno de la edad de oro según Virgilio.

Nesse sentido Quiroga pretendia resgatar os valores e práticas do cristianismo primitivo ao mesmo tempo em que buscava construir uma nova igreja com os índios, homens que possuíam valores compatíveis com a Idade do Ouro. Entretanto Stelio Cro (1978, pp. 118-119) faz uma ressalva importante:

sería incorrecto insistir en afirmar que Quiroga creyó que los indios vivían en la Edad de Oro y hacer de él un ingenuo soñador. Sin duda hay expresiones de admiración en Quiroga por la natural generosidad y simpleza de los indios, mas en él ya no percibimos el asombro de Colón ni de Pedro Mártir. El se ha propuesto remediar a los males de los indios basándose en la experiencia. Es esa experiencia la que algunos historiadores y críticos no han ponderado lo bastante como para percibir en ella la clave de la etapa de la utopía empírica española. Quiroga sabe bien lo que quiere, su obra es la del misionero y del civilizador y legislador.

O bispo de Michoacán não foi um sonhador ingênuo, mas um pensador humanista que acreditava na possibilidade de renovação do ser humano, na organização racional da sociedade, aliando a isso uma fé cristã – bastante influenciada por Erasmo – que buscava uma espiritualidade mais profunda e verdadeira, e não simplesmente externa e ritual.

A crítica de Quiroga, como as de Morus e Erasmo, é radical, mas, de acordo com Francesca Cantú (2002, p. 50)

En el radicalismo de esta crítica no debe reconocerse un apriorismo negativista sobre la presencia de España en América, ni un polemismo controvertido y partidista, sino la absoluta convicción en el «imperio» de la razón, que puede decir críticamente «no» a lo real dado y construirlo de otra manera. América se convierte en tierra de elección allá donde la conciencia utópica encuentra su fundamental libertad de inspiración y – esto si es una singularidad americana – una irresistible vocación de realizar la utopía para que la regeneración social, allí iniciada, «pueda ser y ser más universal y general y alcance todas las partes», como afirmó el propio Vasco de Quiroga.

Ele não se opunha à colonização, pois cria que os índios precisavam ser evangelizados, mas se opunha à forma como ela estava sendo feita. Nesse ponto concorda com Las Casas, vendo e criticando o extermínio e a escravização de boa parte da população indígena.

Como diversos pensadores do Renascimento, Quiroga refletiu sobre formas de organizar melhor a sociedade, observando os problemas de seu tempo e propondo soluções. Na visão de Silvio Zavala (1995, pp. 62-63) ele

no sólo reconocía el rango correspondiente a los problemas de la propiedad y del trabajo, sino que de su satisfactoria resolución hacia depender el gozo de los valores espirituales. En los umbrales del mundo moderno, veía con

claridad que una sociedad egoísta y necesitada no podría conocer las dulzuras de la paz ni de la justicia.

Ou seja, o problema fundamental, tanto teórico quanto prático, era o da justiça. Era preciso resolver as questões do seu tempo, pensar uma sociedade em que pudessem ter garantidas as condições mínimas de sobrevivência. Quiroga enxergava a contradição entre as palavras e as práticas, concentrando seu olhar sobre a hipocrisia dos cristãos.

Temos ainda o seguinte: “no fue Quiroga quien primero estableció la relación entre el modelo utopiano y la humanidad de la edad de oro, sino el propio Tomás Moro, quien tradujo del griego al latín las *Saturniales*, versión que fue utilizada por Quiroga” (HERREJÓN PEREDO, 2006, p. 93). Mas o responsável pela associação da América com a idade do ouro foi Pedro Mártir de Angleria que “identifica, dieciséis años antes de la Utopía, de Moro, la abolición de lo «mío» y lo «tuyo» con el estado feliz de la edad dorada” (CRO, 1978, p. 94).

Os índios não conheciam a propriedade privada e, portanto, não tinham a cobiça desenfreada dos europeus, ainda mais aguçada com as visões paradisíacas da América. Para Francesca Cantu (2002, p. 50)

El presupuesto crítico del que parte Quiroga es el de que la sociedad española en América constituye la anti-utopía de la posible utopía americana; y ello es así porque en ella predomina la «codicia desenfrenada de nuestra nación» como se expresa el propio Quiroga. El tema de la codicia, la *auri fames* renacentista es un *topos* de la literatura reformadora utópica de la época.

A cobiça deu o tom da conquista e da colonização europeias, se tornou um valor quase absoluto, acima de todos os outros. Por causa dela justificam-se a violência, a escravidão e a destruição de sociedades inteiras. Na América acontecia o oposto da utopia, pois ao invés de o homem decaído se renovar, ele destroi ou leva à decadência os homens que ainda mantinham valores considerados nobres.

Quiroga pôs em prática a sua utopia na América, mas isso não o impediu de escrever sobre ela. Suas obras fundamentais sobre assunto são uma defesa jurídico-teológica do seu projeto (a *Información en Derecho*) e uma releitura das normas da *Utopia* de Morus (As *Reglas y Ordenanzas*). Cabem aqui breves reflexões sobre a relação entre a literatura e a prática utópicas.

Bronislaw Baczko (2005, p. 65) fala de dois paradigmas da utopia:

Primero, un paradigma literario: el relato de un viaje imaginario, al final del cual el narrador descubre una ciudad hasta entonces desconocida, que sobresale por su instituciones y de la que hace una detallada descripción. Luego, un paradigma específico del imaginario social: la representación de una sociedad *radicalmente distinta*, ubicada en una *otra parte* definida por un espacio-tiempo imaginario; una representación que se opone a la de la

sociedad real que existe *hic et nunc*, a sus males y a sus vicios”. (Itálicos no original).

O imaginário social (e portanto também a utopia) faz parte da realidade ao mesmo tempo em que se opõe a ela. A utopia existe dentro da história como texto e como ideia, surge a partir da história e se projeta para fora dela, sempre mantendo uma grande interação, de modo que o texto literário, um produto do imaginário social, pode eventualmente promover uma alteração da própria história, no sentido que pode levar as pessoas a agirem e transformarem o mundo em que vivem. Aqui há duas questões importantes: primeiro a da indissociabilidade entre utopia e história e, segundo, a possibilidade de se enxergar a utopia como projeto de transformação da sociedade. O que Vasco de Quiroga faz é integrar esses dois paradigmas em seu projeto, pois acreditava que tinha em suas mãos a matéria de que Morus não dispunha.

Ora, a utopia atesta o triunfo da vontade e da individualidade humanas, é o homem que cria, que propõe e realiza. É um mundo humano, que “recusa a submissão à transcendência” (TROUSSON, 2005, p. 130) não pela rejeição a Deus, mas por assumir seu papel criador, sua inserção na história e a singularidade de cada época. O homem é o sujeito da história, e não um títere no jogo divino. Imbuído da mentalidade renascentista, Vasco de Quiroga tentou por em prática essas ideias que conhecia bem.

É o conflito entre “um sentimento trágico da história” e a “vontade de dirigir o seu curso” (TROUSSON, 2005, p. 130) que origina a proposta utópica. Ela nasce “de fato, da aguda consciência, que é ao mesmo tempo crítica e ética, dos males sociais e da vontade de superá-los” (QUARTA, 2006, p. 51). O homem observa a humanidade e percebe a queda, de alguma forma a reconhece, e quer resistir a ela, quer seguir na direção contrária. “Com efeito, se a utopia – assim como o utopismo – supõe a vontade de construir, frente à realidade existente, um mundo outro e uma história alternativa, ela se revela essencialmente humanista ou antropocêntrica, na medida em que, pura criação humana, ela faz do homem mestre de seu destino” (TROUSSON, 2005, p. 128).

Não existe uma contradição indissolúvel entre a utopia literária e a político-social. Quiroga deixa isso explícito, de forma que o estudo de sua obra é bastante interessante e relevante para os problemas da delimitação da utopia como gênero literário e das relações entre a literatura, os imaginários sociais e a história.

Quiroga transitou entre a literatura e a prática: por um lado ele efetivamente construiu seus *hospitales-pueblos* que abrigaram diversos indígenas e duraram quase

três séculos; por outro lado a sua argumentação jurídico-teológica e as regras para os povoados tem como ponto de partida obras literárias. Dessa forma uniu dois aspectos da utopia que seriam aparentemente contraditórios, enxergando-a ao mesmo tempo como literatura e projeto social.

Para Stelio Cro (1978, p.)

La utopía cristiano-social edificada por los españoles en la América hispana es la expresión más alta del humanismo cristiano, que a su vez es el momento más original alcanzado por el humanismo, si por él entendemos, como habría que entender, una actitud vital por encima de abstracciones teóricas e intelectuales.

Essa efetivação da utopia como um projeto político-social promovida pelos espanhóis no Novo Mundo é importante para entender os debates do início da colonização. Ajuda também a compreender como literatura e história muitas vezes estão mais próximas do que transparece a divisão disciplinar hoje consolidada.

Serrano Gassent (2001, p. 14) diz ainda que

quizás sea Quiroga el autor que proporcione la clave – en esa mezcla de utopía y juridicidad oficial, de modernidad y medievalismo político, de consideración hacia el bondadoso y sumiso indio americano y desprecio hacia su civilización – para comprender la complejidad del pensamiento que se gestaba y la doble cara de la modernidad, alimentada de ideales y del sueño de una vida mejor para todos los hombres y de la aniquilación de los que se negaban a someterse a esa superioridad inventada.

Dessa forma a obra de Quiroga – tanto seus escritos quanto seus projetos postos em prática – aparece como chave interpretativa dessa grande encruzilhada que foi a chegada dos europeus à América, no contexto do Renascimento, momento em que ocorreram grandes transformações sociais que puseram as bases da sociedade contemporânea. O bispo de Michoacán mostra que não havia um único projeto para a América, mas sim um amplo debate. Infelizmente a lógica da colonialidade saiu vitoriosa e a violência se sobrepôs ao amor cristão e à prática da alteridade. É certo que a obra de Quiroga não possui todas as respostas, mas permite que se façam indagações pertinentes sobre o surgimento do que nos acostumamos a chamar de modernidade.

Bibliografia

- AVILÉS FERNANDEZ, Miguel. *Sinapia: una utopía española del Siglo de las Luces*. Madrid: Editora Nacional, 1976.
- BACZKO, Bronislaw. *Los imaginarios sociales: memorias y esperanzas colectivas*. Tradução Pablo Betesch. Buenos Aires: Nueva Visión, 2005.
- BAQUERO GOYANES, Mariano. “Realismo y utopía en la literatura española”. Alicante: Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes, 2005. Nota: Edición digital a

- partir de *Studi ispanici*, I, (1962), pp. 7-28.
- BATAILLON, Marcel. *Erasmus y el Erasmismo*. Barcelona: Editorial Critica, 1983.
- CANTU, Francesca. “América y utopía en el siglo XVI”. *Cuadernos de Historia Moderna Anejos*. 2002, 1, pp. 45-64. Disponível em: <http://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=286087&orden=1&info=link>. Acesso em: 10 jul. 2010.
- CERVANTES SAAVEDRA, Miguel de. *Don Quijote de la Mancha*. Edição e notas de Francisco Rico. Madrid: Alfaguara, 2005.
- CRO, Stelio. “La utopía cristiana-social en el Nuevo Mundo”. *Anales de Literatura Hispano-americana*. 1978, 6 (7): 87-129. Disponível em: <http://revistas.ucm.es/portal/abrir.php?url=http://revistas.ucm.es/fl/02104547/articulos/ALHI7878110087A.PDF>. Acesso em: 14 jul. 2010.
- DUBOIS, Claude-Gilbert. *Problemas da Utopia*. Tradução: Ana Cláudia Romano Ribeiro. Campinas: UNICAMP – IEL – Setor de Publicações, 2009.
- FIRPO, Luigi. “Para uma definição de ‘Utopia’”. *Revista Morus – Utopia e Renascimento*. Campinas: Oficina Gráfica da Unicamp, 2005, nº 2.
- GÓMEZ, Fernando. “The Legal Reformation of Indian Subjectivities: Quiroga's ‘Información en Derecho’ (1535)”. *Revista de Historia de América*, No. 122 (Jan. - Dec., 1997), pp. 25-107. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/20139975>. Acesso em: 14 abr. 2010.
- _____. “El régimen jurídico de utopia indiana: Vasco de Quiroga (1470-1565)”. *Anales del Museo de América*, Nº. 7, 1999, pags. 125-140. Disponível em: http://dialnet.unirioja.es/servlet/fichero_articulo?codigo=1455904. Acesso em: 10 jul. 2010.
- HERREJÓN PEREDO, Carlos . “Ideales comunitarios de Vasco de Quiroga”. *Contribuciones desde Coatepec*, enero-junio, 2006, número 10, pp. 89-102. UNAM, Toluca, México. Disponível em: <http://redalyc.uaemex.mx/src/inicio/ArtPdfRed.jsp?iCve=28101004&iCveNum=4367>. Acesso em: 24 jul. 2010.
- LESTRINGANT, Frank. “O impacto das descobertas geográficas na concepção política e social da utopia”. *Revista Morus – Utopia e Renascimento*. Campinas: Oficina Gráfica da Unicamp, 2006, nº 2.
- LÓPEZ ESTRADA, F. “La fortuna de Tomás Moro y su ‘Utopía’ en la España del siglo de oro”. *La fortuna dell’Utopia di Thomas More nel dibattito politico europeo del ‘500*, II Giornata Luigi Firpo, Quaderni (2) della Fondazione Luigi Firpo – Centro studi sul pensiero político. Firenze: Leo S. Olschki Editore, 1996, pp. 74-93.
- _____. *Utopía y contrautopía en el Quijote*. Madri: Visor Libros, 2006.
- _____. *Utopía y reformismo en la España de los Austrias*. Madrid: Siglo XXI, 1982.
- MORE, Thomas. *Utopia*. Organizada por George M. Logan e Robert M. Adams. Tradução Jefferson Luiz Camargo e Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- QUARTA, Cosimo. “Utopia: gênese de uma palavra chave”. *Revista Morus – Utopia e Renascimento*. Campinas, Oficina Gráfica da Unicamp, 2006, nº 3.
- QUIROGA, Vasco de. *La utopía en América*. Edición de Paz Serrano Gassent. Madri: Dastin, 2002.
- RIOT-SARCEY, Michèle; BOUCHET, Thomas; PICON, Antoine. (Org.). *Dictionnaire des Utopies*. Paris: Larousse, 2006.
- SARGENT, Lyman Tower. “What is a Utopia?”. *Revista Morus – Utopia e*

- Renascimento. Campinas: Oficina Gráfica da Unicamp, 2005, n° 2.*
- SERRANO GASSENT, Paz. *Utopía y derecho en la conquista de América*. Madrid: Fondo de Cultura Económica de España; Universidad Nacional de Educación a Distancia, 2001.
- TROUSSON, Raymond. “Utopia e Utopismo”. *Revista Morus – Utopia e Renascimento*. Campinas: Oficina Gráfica da Unicamp, 2005, n° 2.
- _____. *Historia de la literatura utópica: viajes a países inexistentes*. Barcelona: Ediciones Península, 1995.
- WARREN, J. Benedict. *Vasco de Quiroga y sus pueblos-hospitales de Sante Fe*. 2 ed. Morelia: Ediciones de la Universidad Michoacana, 1990.
- ZAVALA, Silvio. *Ideario de Vasco de Quiroga*. México: El Colegio de México, Centro de Estudios Históricos: El Colegio Nacional, 1995.
- _____. *Recuerdo de Vasco de Quiroga*. México: Editorial Porrúa, 1981.